

DINÂMICAS DA IDENTIDADE HUMANA

Vladimir Dimitrov and Kalevi Kopra
Universidade de Western Sydney-Hawkesbury
Richmond 2753, Austrália
Tradução e adaptação: **Júlio Torres**¹

Sociedade e Identidade

Educando-nos e provendo-nos com o meio social, político, econômico, nacional, religioso e cultural, a sociedade oferece-nos um largo espectro de papéis para executarmos, e somos recompensados caso executemos esses papéis tão bem quanto possível – papéis de adolescentes, de trabalhadores, de pessoas de negócios, de políticos, de padres, de doutores, de esposas, de pais, de pensionistas, de Russos, de Australianos.

As tradições, as disposições e o país onde vivemos – eles também nos empurram certos papéis. Esse empurrão, algumas vezes sutil e gentil, algumas vezes brusco e insolente, forçosamente imposto ou voluntariamente aceito, molda nossa natureza, em certo grau, até que possamos nos tornar completamente identificados com os papéis designados. Podemos até parar de perceber que estamos executando papéis, assumindo que o que estamos vivendo é uma vida genuína e autêntica. Infelizmente, esse não é o caso.

Cada papel, inevitavelmente, simboliza algumas *identidades fixas*. A sociedade prefere operar com identidades fixas – elas ajudam a dividir as pessoas em grupos, ‘empurrar’ os grupos para ‘caixas’ separadas e esses arquivos de computador (hierarquizados ou aninhados uns nos outros), nomear essas caixas e arquivos com nomes, com números e com códigos, e, então, fazer com elas todo tipo de manipulações. E acima de tudo, exercer controle.

O controle social não pode funcionar sem se construir um sistema bem estruturado de identidades fixas. É mais fácil de exercer controle sobre identidades de *grupo fixo* do que sobre identidades de *indivíduos variáveis* que são evasivas, flexíveis, resistentes ao controle, abertas a mudanças, à evolução e ao crescimento. Quando encurralada numa identidade de grupo fixo, a identidade individual está em perigo de perder sua singularidade e de se tornar uma entidade medíocre numa maioria de pessoas ‘mandadas’, facilmente susceptíveis à manipulação e à corrupção.

Identidades individuais vivas são caóticas – extremamente sensíveis a mudanças (mesmo que pareçam pequenas) que ocorrem nas condições humanas, tanto externas quanto internas, imprevisíveis e, assim, *livres*. Identidades fixas são fechadas em padrões ordenados pré-projetados – insensíveis a mudanças, facilmente previsíveis e, portanto, *não livres*.

Todos os tipos de ferramentas de controle, como números em arquivos de impostos, números de licenças, de passaportes, de carteiras de identidade, de certificados, de permissão de moradia, de vistos etc, são extensivamente colocados em operação na sociedade de hoje para manter as identidades humanas fixas.

Qualquer identidade fixa facilmente torna-se uma linha de caracteres alfanuméricos comprimidos para satisfazer aos requisitos de uma variedade de bancos de dados de computadores. Uma vez capturadas pelo computador, as identidades humanas tornam-se aprisionadas por toda a vida num Sistema a partir do qual não existe saída. Isso é o **Sistema de Identidades Fixas** – um grande alívio para todos os tipos de autoridades de vigilância na sociedade humana. Para tais autoridades, cada identidade fixa tem apenas uma interpretação – potencialmente ela é *identidade de um criminoso*: se não estiverem se comportando como as Regras do Sistema requerem, as pessoas são automaticamente tratadas como criminosas – *no Sistema todos devem obedecer às Regras*.

O Sistema é uma cama procustiana para as identidades de indivíduos vivos. Lembre-se de Procusto, das antigas lendas gregas – aquele salteador que costumava esticar ou mutilar suas vítimas para fazê-

¹ José JÚLIO Martins TORRES – Site: www.teoriadacomplexidade.com.br – E-mail: jjmtorres@gmail.com

las mais ajustáveis ao tamanho da sua cama. O mesmo está acontecendo com as nossas identidades individuais na sociedade de hoje – elas têm que se ajustar a certas camas procustianas. Caso contrário, existem forças na sociedade, poderosas o suficiente, para fazer-nos ajustar à cama. Uma vez lá, nós somos *predizíveis*, é fácil de lidar conosco – lavar os nossos cérebros, manipular-nos, iludir-nos e explorar-nos.

O Sistema de Identidades Fixas

Vamos dar uma olhada bem de perto no Sistema de Identidades Fixas (System of Fixed Identities – SFI): esse aqui é o arquivo dos cidadãos australianos – marcas vermelhas para todos aqueles nascidos na Austrália, marcas azuis – para todos aqueles nascidos em países onde se fala inglês, marcas amarelas – para todos aqueles nascidos na Ásia, marcas cinzas – para todos aqueles nascidos em outras partes do mundo, e uma pequenina marca preta – para cada australiano aborígene no arquivo.

Num diretório separado do SFI estão os arquivos com identidades organizadas por receita. Eles revelam uma lista muito pequena de identidades ricas e onipotentes e uma lista de identidades pobres e totalmente indefesas, largamente abertas para o crescimento ilimitado. As identidades ricas são as únicas que são permitidas escapar do Sistema, caso queiram – elas são reconhecidas como ‘padrinhos’ do Sistema e como seus proeminentes patrocinadores. Frequentemente elas recomendam a construção de novos ramos do Sistema, tanto em âmbitos nacionais como internacionais. Elas influenciam intensamente os resultados de debates econômicos e políticos, de campanhas eleitorais, de execução de golpes de estado em diferentes partes do mundo, de entrega de novidades ‘objetivas’ por meio dos canais de TV e de jornais, de ‘ajuda’ aos países pobres etc.

Um enorme arquivo no SFI consiste em identidades pertencentes à, assim chamada, ‘classe-média’. Quase toda identidade nesse arquivo está na bolsa de hipotecas de banco, cada vez mais crescentes (e difíceis de serem pagas), de empréstimos e de taxas. A ameaça de desemprego aparece como uma espada de Dâmoques sobre essas identidades; sua voz na sociedade é bem baixa – elas nem podem se defender quando são injustamente acusadas pelo Sistema (elas não podem pagar bons advogados e, assim, os ricos sempre ganham), nem podem ter uma assistência médica apropriada quando estão seriamente doentes (elas não podem pagar bons tratamentos médicos).

Com o SFI, entende-se facilmente a *ilusão* da democracia representativa contemporânea: longas listas de números de identidade eleitoral são convidadas (ou obrigadas) a votar em políticos, cada um com uma identidade similar, que deseja jogar bem com as palavras, escutar cuidadosamente aquilo que as poucas identidades ricas dizem, e saber como mentir para a maioria das identidades de classe-média e fazê-las acreditar que os políticos se importam com os seus problemas. No tipo ocidental de democracia os partidos políticos tornam-se quase idênticos nas suas plataformas, e os líderes de estado ‘eleitos’ tornam-se impotentes (e fáceis de serem xingados e comprometidos) marionetes nas mãos da silenciosa, porém, extremamente poderosa, *conspiração* financeira.

Com as identidades trancadas no SFI, nossas vidas tornam-se *performance*, mais como dramas do que como comédias, nas quais *todos nós devemos atuar*. Devemos atuar nos dramas nas escolas, nas famílias, nos locais de trabalho, com amigos e parentes, em clubes e em comunidades. Logo cedo, depois de nascermos, somos pedidos para atuar nesses dramas – não viver, mas atuar! Tornamo-nos tão absorvidos com essa inação, que ficamos até com medo de ficarmos sozinhos – nossas identidades foram assinaladas pela sociedade e quando estamos sozinhos, dificilmente sabemos que papel executar. Então, corremos para ligar aparelhos de TV – isto ajuda a estar novamente na performance. Não é preciso pensar no silêncio, não é preciso contemplar sobre “*quem somos nós?*”, não é preciso procurar por formas de liberação dos arquivos autoritários do SFI.

E é exatamente isso o que, perfeitamente, querem aqueles que têm poder na sociedade.

Pesquisa sobre Identidades Vivas

Sim, podemos sobreviver com todas essas ferramentas de controle e números do SFI, com todos esses jogos políticos e essas mentiras, e dívidas e hipotecas, sem nos preocuparmos com questões como

quem realmente somos nós? e qual é o significado da nossa existência? – simplesmente continuando a atuar em papéis fixos na sociedade e ficar à deriva com o passar dos anos: estudando, trabalhando, construindo famílias, criando crianças, experienciando estados de alegria e uma grande parte de estresse, um pouco de felicidade e muita dor, boa saúde, quando jovem, e doenças depois.

Contudo, com o crescimento da complexidade social, o número de papéis para executar também aumenta. Frequentemente, as pessoas não podem lidar com esse número. Isso pode gerar um estresse insustentável. Como resultado, “o ser individual e o social não mais coincidem” (Gorz, 1994). Uma motivação para sair da performance, para fora do Sistema, de repente, surge nas mentes e corações humanos. E com essa motivação vem a busca pela identidade individual livre da prisão do SFI.

Uma vez que começamos a refletir sobre o propósito da nossa vida à existência e viver nesse conjunto de enigmas, nesses paradoxos e nesse mundo de ilusões, uma vez que começamos a tentar ir mais fundo na estranha interação de forças (desejos, paixões, intenções, expectativas, motivos e esperanças) que emergem continuamente dentro de nós, e vemos como elas afetam nossas vidas, as vidas daqueles ao nosso redor, e nossos esforços por mudança e por evolução, nunca podemos parar de pesquisar *quem somos nós*. Pois é essa pesquisa na natureza do nosso eu interior, uma pesquisa profundamente no centro da identidade humana como *ela é*, e não como as forças da sociedade (tanto óbvio e em conspiração) estão apresentando-a no SFI.

Essa jornada interior, em busca pela identidade individual, não é fácil, de forma alguma. A sociedade atua contra esse tipo de jornadas. Ela insiste em colocar novamente aquelas máscaras de identidade especialmente projetadas. E apenas se encontrarmos suficiente *força de vontade* para perseverar, então podemos descobrir que afinal de contas:

- (1) cada vida humana desdobra-se de uma forma única: “ninguém pode expressar minha vida por mim e ninguém pode dizer como eu devo expressar a minha vida”. A identidade individual é tanto a causa como o efeito desse desdobramento único – uma causa, porque se relaciona com uma genética específica e com as características psicológicas do indivíduo, e um efeito, porque ela absorve a idiossincrasia da experiência individual.
- (2) existem forças, na sociedade, interessadas no aprisionamento da identidade humana em gaiolas, em caixas e em esquemas classificatórios para poderem exercer poder, controle e repressão sobre as pessoas. Uma avançada tecnologia computacional está a serviço dessas forças, promovendo uma atitude de tratar pessoas comuns como potenciais criminosos, cada qual com um código fechado de identidade fixa num sistema de controle humano que se expande globalmente (SFI), projetado para limitar aqueles que não têm poder na sociedade e para suprimir suas liberdades individuais.
- (3) identidades vivas passam por *mudanças* juntamente com o desdobramento das vidas individuais. Como as dinâmicas da vida humana são tanto complexas quanto caóticas, não se pode prever exatamente em que direção uma identidade individual mudará. Uma identidade liberada pode crescer, cair ou ficar firme, vagando sem direção ou buscando, com vontade, os mais elevados empreendimentos e mais elevadas aspirações.

Dois Atratores das Dinâmicas de Identidade

Na sociedade de hoje, existem dois atratores distinguíveis para as dinâmicas da identidade humana – um é o *atrator da separatividade*, o outro é o *atrator da unicidade*.

1. O Atrator da Separatividade

Quando mudanças na identidade individual são orientadas em direção ao **atrator da separatividade**, elas fazem os indivíduos competirem, lutarem por melhores posições na sociedade, por mais aquisição de poder, de dinheiro e de prestígio. Quando direcionada ao atrator da separatividade, a identidade humana celebra o EGO individual com todas as suas doentes fantasias de sucesso e de domínio sobre os outros. O atrator da separatividade faz com que nós continuamente olhemos para o mundo através dos olhos *do que o mundo pode nos dar*.

No atrator da separatividade, as identidades humanas podem ser facilmente organizadas e separadas em caixas, com diferentes nomes e números. A comunicação entre ‘caixas’ é difícil, senão impossível. Isso é exatamente o que está se manifestado hoje: a lacuna entre as partes rica e pobre da sociedade tornou-se tão profunda que as pessoas num grupo começaram a se comportar de uma forma muito diferente das pessoas do outro grupo – quase como duas espécies diferentes.

As forças no poder sempre apoiam o atrator da separatividade. A antiga máxima política “*Divide et Impera*” (dividir para conquistar) funcionou, funciona e funcionará perfeitamente nesse atrator.

2. O Atrator da Unicidade

Quando mudanças na identidade são orientadas em direção ao **atrator da unicidade**, elas fazem os indivíduos respeitarem, ajudarem e escutarem uns aos outros. Estando no atrator da unicidade, a identidade humana celebra as diferenças entre as pessoas, suas peculiaridades e seu rumo em direção ao entendimento, ao diálogo e à complementaridade. O atrator da unicidade faz com que a identidade humana olhe para o mundo através dos olhos *daquilo que podemos dar ao mundo*.

No atrator da unicidade, as identidades individuais

- *São autorreferenciais*: elas confiam em si para a sua própria evolução – elas não se colocam à mercê de qualquer identidade de grupo fixo (não importa quão atrativo isso pareça ser) ou de autoridade;
- *Não perdem a sua unicidade* (singularidades): pelo contrário, elas compartilham essas singularidades para permitirem que a complementaridade emerja.

Quanto mais autodependentes e diversas forem as identidades individuais, mais rica e criativa será a sua complementaridade que emerge.

Essa complementaridade leva a uma nova forma de identidade de grupo – não uma fixa, mas dinâmica, isto é, aberta a evoluir simultaneamente com as identidades individuais que co-evoluem.

Em Direção ao Atrator da Unicidade

A pergunta é: “É possível para a sociedade de hoje, como um todo, mover-se em direção ao atrator da unicidade?” Infelizmente, a resposta é negativa. Como um todo, a nossa sociedade é incapaz de mover-se em direção ao atrator da unicidade. As forças de poder que propulsionam o motor do atrator da separatividade são extremamente potentes e fortes. A orientação das pessoas em direção ao consumismo e à competitividade também coloca óleo nesse motor. Os políticos não podem se opor à vontade da minoria mais rica que está operando de uma forma quase invisível (como um tipo de conspiração onipotente). Se os políticos decidirem não obedecer às regras dessa conspiração, eles serão imediatamente removidos do palco político.

O que é possível fazer neste momento é *continuar a criar comunidades locais que vivem no atrator da unicidade*. Tais comunidades já existem em um número de locais ao redor do mundo. Elas demonstram sua vital importância na união das pessoas e como condição ontológica do nosso *estar no mundo*: ninguém pode ser feliz quando outra pessoa na comunidade sofre. No atrator da unicidade, as pessoas entendem a nossa inseparabilidade uns dos outros e da natureza. E isso é o início da nova Renascença – a única coisa que pode nos salvar, e salvar o nosso planeta da destruição.

Referências

Gorz, A. 1994 *Capitalism, Socialism, Ecology* London: Verso